Repensando a autonomia em processos de aprendizado: uma contribuição neurocognitiva

Jaluani Torquato Soares
Universidade La Salle
Fabrício Pontin (Orientador)

Este trabalho insere-se no projeto de pesquisa sobre cognição e educação junto ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade LaSalle. Dentro do projeto iremos focar na relação entre cognição moral, aprendizado e autonomia desde o ponto de vista das neurociências cognitivas. Assim, iniciaremos com uma apresentação de como ocorrem as possíveis alterações da compreensão da ação autônoma do indivíduo no trabalho do neurocientista português António R. Damásio, *O erro de Descartes* (1994). Para Damásio, precisamos superar o dualismo Cartesiano na nossa compreensão da autonomia, analisando que existe relação direta entre mente e corpo,e, neurocognitivamente se passa no hipocampo, onde ocorre relação direta do corpo com o mundo exterior, criando uma ponte entre o que acontece no cérebro e a resposta à sociedade através de ações que devam ser compreendidas numa abordagem tridimensional que inclui corpo, mente e o contexto social. As experiências mentais estão diretamente relacionadas na forma como o indivíduo percebe e se manifesta no mundo. Os sentimentos, a racionalização das percepções, a moral, assim como os costumes culturais, a educação e as noções de responsabilidade civil e penal do meio, estruturam de forma concomitante o comportamento. Assim, tais experiências mentais, chamadas por Damásio de marcadores somáticos, são extremamente relevantes para o que chamamos de autonomia. Ocorre que na falta de emoções e sentimentos, o indivíduo torna-se incapaz de racionalizar e decidir com clareza. Aqui, o estudo da neurociência contribui na compreensão de como o ser humano funciona, e, especificamente, a sua predisposição socio-biológica com impacto direto nos processos de aprendizagem. Demonstraremos, assim, a relevância da pesquisa de Damásio à educação, conforme permite o estudo de meios para o entendimento da complexidade do cérebro e os desafios existentes na esfera social, particularmente na nossa compreensão unilateral e racionalista da autonomia do aluno.